

Not let



TOUROS

E

METHODO DE OS CORRER



LISBOA

LIVRARIA SILVA JUNIOR

115, Rua Aurea, 115

1893



AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

D. Luiz do Rego Brandão da Fonseca Magalhães



Tendo obtido de V. Ex.^a o mais generoso acolhimento, consentindo lhe dedicasse este menos valioso trabalho, entendendo ser duplo dever para mim, não só, manifestar a minha gratidão para com V. Ex.^a, mas ainda, declarar que o meu fim foi prestar homenagem ao amator que cedendo á decidida vocação pela arte de tourear, n'ella tem sabido evidenciar sempre a par da aptidão, o desinteresse.

De V. Ex.^a

Lisboa, 5 de maio de 1893.

Venerador muito obrigado

J. B.



ADVERTENCIA

Julgo inutil n'esta prefação historiar a origem das corridas de touros na Peninsula Iberica e a sua introduccão em Portugal, tanto mais, que nada adeantaria em proveito dos leitores d'este livro, que facilmente recordarão o formoso trabalho que sobre o assumpto inseriu o jornal o *Seculo* n.º 4.015 de 2 de abril proximo passado.

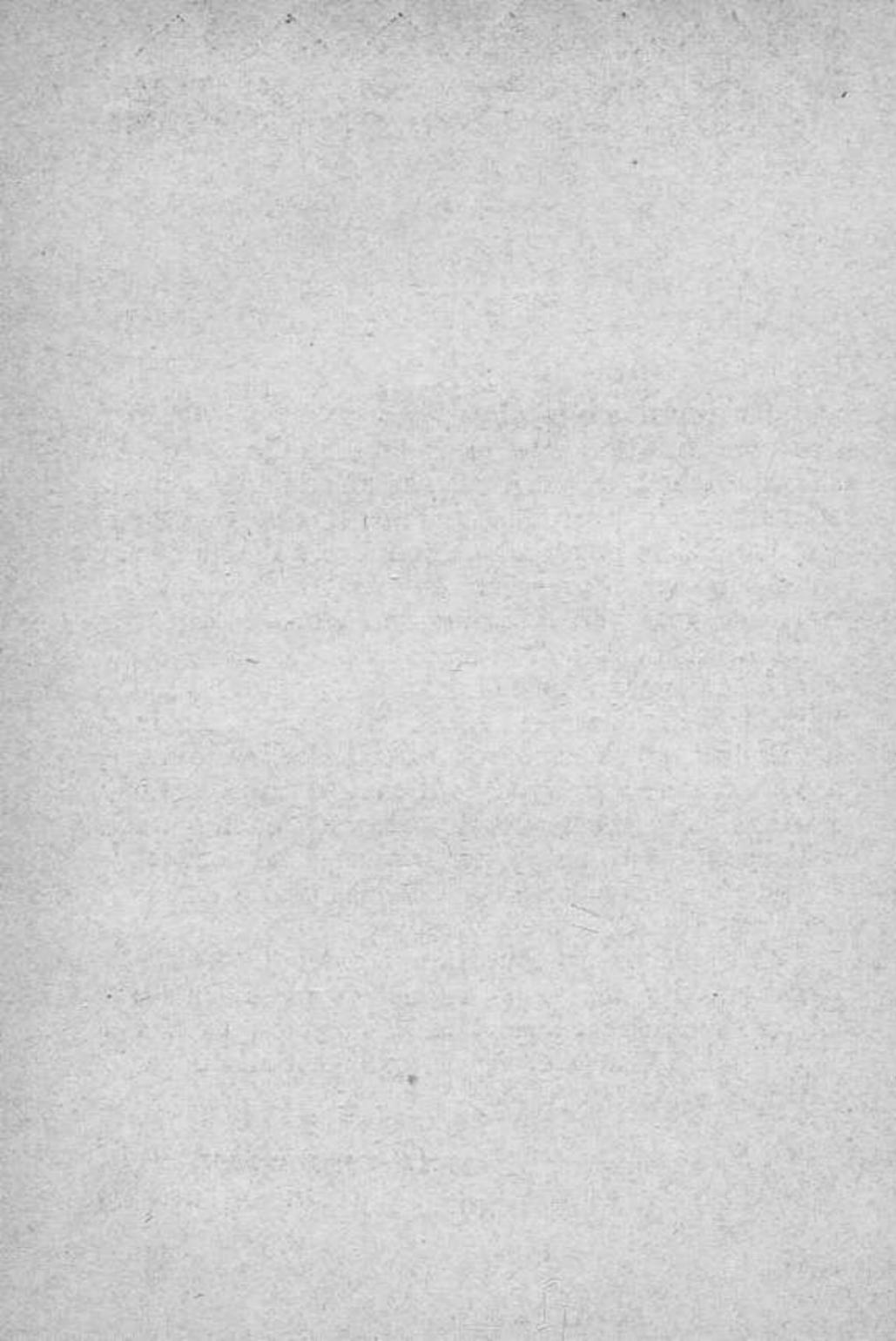
Limitar-me-hei pois a dizer, que, se na nossa vizinha Hespanha existem muitos, mais ou menos valiosos trabalhos sobre a arte de tourear, desde a *Historia del Toreo* e a notavel *Arte de Montes* até ao moderno *Tratado do Alcaide de Ronda*, em Portugal, não consta existir escripto algum.

Animou-me o desejo de preencher tal lacuna, e como simples amator das corridas de touros ou-sei escrever este pequeno methodo.

Conto que os artistas e mais entendidos amadores me desculparão as lacunas, e que os novos afeiçoados possam aproveitar d'este meu intento.

De uns e outros espera merecer o indulto por amor da arte

© compilador.





TOUROS E METHODO DE OS CORRER

As condições indispensaveis a um toureiro são, a coragem e a agilidade, bem como o completo conhecimento da sua profissão; as duas primeiras são qualidades quasi nativas, a terceira adquire-se.

Se a coragem é absolutamente necessaria para o toureiro, é todavia não menos necessario não a exaggerar até á temeridade, nem a retrair por excesso de prudencia; no primeiro caso, corre-se perigo quasi certo e por vezes fatal; no segundo, perde-se o ensejo da evidencia.

O temerario sacrificará a belleza e a precisão do seu trabalho á orgulhosa ostentação da coragem, podendo esse excesso de vaidade sacrificar-o, sem o levantar no conceito do publico.

O excesso de prudencia, confundindo-se na maioria das vezes com a ausencia de coragem, originará á falta de uma prompta iniciativa a perda da

oportunidade nas sortes, e as suas consequencias serão, não chegar a tempo, tornarem-se-lhe deficientes a agilidade e a destreza e ser colhido.

A coragem, pois, para este genero de torneios, tem de subordinar-se ao sangue frio e á serenidade de animo.

A agilidade é predicado indispensavel a quem toureia, e consiste principalmente, não em mover-se continuamente, mas sim, em não assentar por completo os pés no sólo e em conservar sempre o aprumo do corpo, correr em linha recta e com celeridade, voltar-se facilmente quando necessario, mudar com rapidez de direcção e saltar limpo e a tempo, quando preciso fôr.

Taes qualidades, quando bem applicadas e acompanhadas dos conhecimentos indispensaveis da arte de tourear, são a base solida para formar um toureiro.

Por si só porém, e sem o auxilio da arte, servirão para expôr a pessoa que se propozer tourear, que jámais passará de simplesmente temeraria.

A necessidade pois do conhecimento das regras da arte torna-se tão indispensavel a quem toureia, que bastará lembrar, que face a face com o touro não sobra sequer tempo para seguir o parecer de outrem, nem mesmo para reflectir, mas unicamente, para procurar comprehender de um golpe de vista a situação, e julgando da casta do animal, das suas

crenças naturaes e accidentaes, e da sua agilidade, executar a sorte ou sortes da occasião.

Nunca dará mesmo um regular toureiro, aquelle que não corresponder aos requisitos expostos.

Qualidades dos touros

Para que as corridas de touros agradem e os lidadores possam fazer trabalho seguro, é condição indispensavel procurar touros a proposito, isto é, que não sejam edosos, pequenos, fracos, defeituosos ou doentes.

O touro proprio para a lide deverá ser bravo e forte; o touro covarde, além de ser sempre perigoso, não se presta ás sortes e deixa o espectador descontente.

Os requisitos essenciaes a um touro de lide são os seguintes; casta, idade, gordura, bom pêllo e fino, boa pinta, e que seja são e puro.

Diz-se de boa casta, o touro filho de paes de bravura evidenciada, pois se esta circumstancia por si só não é garantia bastante, todavia é probabilidade attendivel.

A idade mais propria para o touro ser corrido é dos 4 aos 5 annos, por ser a phase em que possui em mais elevado grau as qualidades necessarias para corresponder á boa vontade e pericia dos lidadores.

Os touros que ainda não tenham attingido a primeira idade ou que tenham excedido a segunda, ou não se utilisam por falta de vigor, ou se tornam difficeis e perigosos para a lide, pois desprezam todos os enganos, manifestam as más intenções, e quando se apoderam do vulto corneiam com utilidade para a sua defeza, destroçam, e durante o pouco tempo da lide fixam com perfeito conhecimento os lidadores e tornam-se perigosos sem luzimento para os artistas.

O touro, quando escolhido para o torneio, deve estar gordo, mas nunca excessivamente, porque se inutilizará facilmente aplumando-se e inutilizando as sortes; quando magro é em geral fraco, sem forças e energia, sentindo por demasiado o castigo e faltando-lhe mesmo a coragem.

No touro o pêllo deve chamar tambem a attenção; diz-se em geral um touro de boa pellagem, não com relação ao desenho e côr, mas quando seja bastante lustroso, espesso, sentado, suave ao tacto, fino, igual e limpo.

Para que um touro mereça ser considerado fino ou de boa pinta, deverá ter boa pellagem, pernas sêccas e nervosas com as articulações bem pronunciadas e bem movidas, a pesunha pequena, curta e redonda, os cornos curtos, delgados e eguaes, o rabo comprido, fino e espesso na cauda, os olhos negros e vivos e as orelhas delgadas e moveis.

Urge que o boi para lide seja sã e muito principalmente sem o menor defeito na vista, procurando evitar os denominados burriciegos, que vêm bem de longe e nada perto, e os de defeito oposto, que são os myopes da sua especie, pois que são sempre de difficil toureio.

Além do exposto, necessario será indagar com escrupulo quando se tratar da aquisição de um curro, se os touros que o compõem são puros, isto é, se já foram toureados, e em tal caso, se corridos em praças ou pateos, pois que n'este ultimo caso poucas garantias de agrado offerecerão.

A tauromachia conta preceitos certos para o homem poder triumphar do touro mais feroz, que em geral acceta os enganos que lhe apresentam, contribuindo assim para uma diversão menos perigosa e até interessante.

Os touros já corridos alteram por esta circumstancia as phases e a regularidade de uma corrida, pois devido ao toureio já soffrido, collocam-se sempre em defesa, distinguem o toureiro e a capa, desprezam esta e procuram aquelle, observam-n'o, diligenciam ganhar-lhe o terreno, tomar-lhe as saídas, e geralmente só arrancam, quando o julgam ao seu alcance.

O pouco escrupulo em levar ás arenas touros já corridos, tem sido a causa de que este espectáculo de character tradicional, puramente peninsu-

lar, tenha decaído um tanto em Portugal n'estes ultimos tempos.

Crenças

Antes de entrar no assumpto, que comprehende propriamente o touro e a arte de o lidar, cumpre dizer alguma coisa sobre as suas crenças e estados.

Todo o toureiro que conheça e queira attender ás crenças do touro póde utilisal-as, fazendo com segurança sortes de muito bom effeito.

Denominam-se na generalidade crenças, os pontos da praça onde a rez prefere demorar-se mais, e onde geralmente estacæ depois de qualquer dos toureiros rematar uma sorte.

O touro tem crenças naturaes e crenças accidentaes. As crenças naturaes dependem da disposição architectonica da praça, e são em geral a porta do curro e a do cavalleiro.

As crenças accidentaes ou casuaes dão-se em qualquer outro ponto da arena, — a proximidade da trincheira, — algum ponto mais humido, — ou onde o terreno esteja mais movido.

Se as crenças podem facilitar qualquer sorte de bom effeito, serão todavia sempre estas de exito bem mais certo com rez que não as tenha, pela simples razão de que o touro arrancará partindo com a regularidade e velocidade que lhe são pro-

prias, sem dar logar a que o toureiro tenha de modificar ou fazer excepção ás regras prescriptas pela arte.

Sempre pois que haja de correr-se touro com crenças, deve deixar-se-lhe livre a saída para os pontos por elle escolhidos, por ser frequente no momento de carregar para a sorte, esta não se rematar, saindo o touro em direcção ou com viagem para a crença.

O touro toma crenças por n'ellas experimentar allivio, motivo porque as escolhe proximo á barreira. É portanto tambem conveniente inquietal-o desde logo com capa, vara, ou outro qualquer meio tendente a obrigar-o a mudar de sitio.

Urge a maior attenção sobre o assumpto e tratar de estudar e conhecer com certeza as crenças das rezes, pois que ellas proporcionam aos artistas a infallibilidade em todo o genero de sortes, sempre que as saídas se lhes deixem livres e manifestas.

Estados

O touro tem na praça tres estados differentes que ao toureiro importa conhecer, pois em cada estado existem sortes peculiares e irrealisaveis nos outros estados, que se não executarão sem risco e ficarão sempre imperfeitas.

Primeiro estado ou levantado. — Dá-se, quando o

touro sãe do curro, se é puro, sairá de cabeça alta partindo para todos os objectos sem fixar qualquer obstaculo, correndo em todos os sentidos da arena com grande celeridade e sem crença alguma, parando ao acaso, demorando-se pouco, partindo prompto para qualquer vulto mas sem insistencia, mudando mesmo de viagem sem que para isso seja provocado. Este estado é tão pouco duradouro, que não lhe dá tempo a armar-se e a que o toureiro se lhe entreponha e que lhe seja facil executar qualquer sorte, motivo por que as que se realisam são seguras e de bom effeito, pois que o touro n'este estado raramente persegue.

É necessario que o toureiro seja dotado de notavel agilidade para corresponder á de que dispõe a rez n'este primeiro estado, e bem rematar as sortes que se proponha fazer-lhe.

O touro n'este estado não manifesta grande avides pelos vultos e objectos, de maneira que, muitas vezes arranca mudando logo de viagem com sentido na fuga, não deixando por isso de se manifestar puro e bravo.

Segundo estado ou parado. — Reconhece-se que o touro passa a este estado, quando deixa de correr vertiginosamente como quando levantado, e arranca com os objectos que se acham a distancia bem proporcionada.

É n'este estado que o touro manifesta as suas

qualidades e quando realmente se presta a ser toureado, dando logar a que se executem todas as sortes, por ainda conservar as forças e a rapidez bastante para as rematar, sem comtudo arrancar para ellas com tanto vigor.

É tambem n'este estado que o touro começa a tomar crenças accidentaes ou casuaes, que acabam por manifestar-se claramente no terceiro estado.

Terceiro e ultimo estado ou aplumado. — É este o estado em que o touro se torna mais perigoso, e por certo o que menos attráe o espectador.

Se o touro tomou crenças no estado anterior não as abandona n'este, antes as conserva, ou mesmo as procura, se não as tomou nem foi ás naturaes; então observa-se n'elle muita segurança ou pouca attenção para os objectos que lhe ficam a uma regular distancia, e uma completa indifferença pelos que estão longe; a maioria das vezes faltam-lhe por completo as pernas, evitando então sempre que póde as sortes, ora sabindo-se d'ellas, ora tapando-se.

Estes tres estados não são perfeitamente eguaes em todos os touros, e por vezes são tão pouco manifestos, que é difficil distinguil-os, porém existem, e é de grande utilidade conhecel-os, pois indicam o momento mais apropriado de executar algumas sortes, tendo em vista a classe particular dos touros.

Por excepção apparecem touros que conservam todo o vigor das pernas no segundo estado, ou quando parados, e alguns mesmo no terceiro estado, ou quando aplumados.

A mais facil transição de um para outro estado revela a boa ou má casta do touro, como tambem pôde indicar se é puro ou corrido.

Classes de touros

Para a boa execução das sortes ha que considerar o touro sob outro ponto de vista, isto é, com respeito ao seu character, a que se dá o nome de classe.

As classes de touros são cinco : *Boiantes*, *revoltosos* (ou que se singem), *que ganham terreno*, *de sentido* e *abantos* (ou malessos).

Chama-se boiante, franco simples, franco ou claro, o touro que, sendo muito bravo, conserva a simplicidade que lhe é propria, podendo dizer-se este o typo que melhor representa as inclinações com que a natureza dotou a sua especie.

Este genero de touro é o que mais se presta ás sortes, porque segue sempre pelo seu terreno, acompanha perfeitamente os enganos e remata com perfeição, sem perigo para o lidador.

Chama-se revoltoso ou zeloso o touro que manifesta zelo por qualquer objecto e que consequente-

mente se revolve muito para o colher, sustendo-se com vigor sobre as mãos, seguindo sempre com a vista o engano ou o vulto, sem conhecer como lhe fugiram da cabeça. Este genero de touro é tambem bom para a lide, como ao diante veremos ao tratar das sortes, sendo todas as que com elle se realisarem tanto mais luzidas quanto maior bravura e zelo a rez demonstrar pelos objectos.

Touro que se *cinge* é aquelle que não obstante seguir por muito tempo o engano se approxima muito do corpo do toureiro, quasi pisando o seu terreno. Deve ser lidado com mais cuidado.

Touro *que ganha terreno* é o que achando-se em sorte começa a caminhar para o toureiro, cortando-lhe o seu terreno ou mesmo mettendo-se de todo no terreno d'este.

Apresenta geralmente dois typos que urge distinguir. O primeiro evidencia-se quando desde a primeira sorte começa a ganhar terreno, revelando assim ser esta a sua feição natural de partir ou arrancar. O segundo reconhece-se tambem, quando logo depois das primeiras sortes começam egualmente a ganhar terreno. Este genero tambem deve ser lidado com cuidado, porque a condição de ganhar terreno é um signal de malicia que a rez manifesta por antes haver sido illudido; presta-se todavia a sortes muito seguras apezar da difficul-

dade em tourear-se quando pretendem rematar com o vulto.

Touro *de sentido* ou *malicioso* é o que distingue o toureiro do engano, desprezando este e não o seguindo, rematando sempre no vulto. Succede que quando uma ou outra vez toma o engano remata sempre no corpo do toureiro. É de difficil lide, mas ainda assim a arte sabe prevenir tal difficuldade.

O touro *abanto* é por natureza medroso, ha-os de varias classes.

Algum é tão medroso que foge sempre que vê o lidador, tornando impossivel qualquer sorte.

Outro arranca, e antes de entrar na jurisdicção varia saindo da sorte, ora pelo terreno de fóra, ora pelo de dentro, e algumas vezes por aquelle que o toureiro occupa, tudo por effeito de medo, podendo todavia emborcar o toureiro n'este contraste.

Por vezes tal genero de touro arranca com promptidão e ao chegar á jurisdicção, e no momento que o toureiro vae carregar-lhe a sorte, fica-se no engano até que se escapa por fóra.

Ha outra classe de *abanto* menos medrosa que as demais, arranca porém pouco, e as mais das vezes ao tomar o engano resalta, outras fica-se no centro sem tomar sorte.

Tal classe de touro é a unica que pelas suas propriedades particulares merece toda a attenção por

parte dos toureiros para a conhecer bem, e poder executar com elle qualquer sorte com segurança.

Da capa

O trabalho da capa apresenta duas categorias — *correr touros e passar touros* —. Qualquer d'estes dois trabalhos está sujeito aos preceitos e ás regras ao diante indicadas.

Correr touros. — Abraça ou comprehende todas as sortes de capa tendentes a fazer mudar os touros de sitio, a distrair-os, ou fazel-os mudar de viagem e intenção.

Quem se propozer a correr touros terá que observar os seguintes requisitos.

Emquanto a si proprio, agilidade e celeridade; pelo que respeita á rez, se está em crença, se distraida, e a classe a que pertence.

Se o touro tiver *muitas pernas* o lidador deverá sair-lhe em distancia e sem se parar ao cital-o, atirando-lhe a capa por baixo á cabeça.

Como o touro corra muito, e podendo arrançar com promptidão e alcançar o toureiro, este deverá não correr na mesma direcção em que o touro tenha a cabeça, procurando quebrar-lhe a carreira na volta que o obriga a dar seguindo o engano.

Se o touro tiver *poucas pernas* tomal-o-ha curto

e se parará ao cital-o, atirando-lhe a capa por baixo; se assim não fizer o touro não arrancará, porque devido á falta de *pernas* só seguirá os objectos que vir a curto alcance, devendo o toureiro, e ainda por este mesmo motivo, ir detendo a carreira para guardar a distancia proporcionada, devendo tambem levar o engano escorrido e nunca flameando ou fluctuando, por ser desnecessario embrocar sobre largo com uma rez que pela deficiencia de *pernas* não o pôde alcançar, tanto mais, que o touro vae sempre perdendo de velocidade ao ponto de ficar a meio caminho, não dando logar a realisar-se a sorte.

Quando o touro que vae correr-se está em *crença*, é conveniente toureal-o curto e parar-se muito ao cital-o, obrigando-o a que parta.

Quando porém o toureiro se não reconheça com *pernas* deverá renunciar a correr o touro em *crença*, porque, citado curto, pôde alcançal-o estando parado e nem mesmo armado para qualquer sorte, sendo preferivel então correl-o a meio capote e recortando-se.

Ter-se-ha presente identico recurso quando succeder, que ao ir a citar um touro este esteja observando o toureiro e a sua viagem e lhe saia ao caminho, cortando-lhe o terreno de modo que forme um verdadeiro centro de *quiebro* ou recorte, o que é muito frequente.

Se o touro não estiver em crença mas que já a conheça, é necessario cuidado, mórmente, se o remate for sobre o sitio da crença, para a deixar livre, pois de contrario, tendo pernas arrolará o toureiro, porque estando a rez com o sentido na crença, despresa a capa e mesmo qualquer outro objecto, remata com muita violencia e póde alcançar o toureiro; prevenindo-se tal circumstancia, deixando-o rematar com a crença livre para que tome viagem para ella.

Quando houver a correr-se um touro sem crença mas que se nega a sabir por estar distrahido com algum objecto que lhe attrae a attenção, ou com algum toureiro que estiver proximo e a quem re- ceia, será inutil cital-o sem que a causa da sua distracção se affaste ou desapareça.

O touro quando levantado, ou no primeiro estado, é necessario ao cital-o, usar das mesmas precau- ções do que com o que tiver muitas *pernas*.

O touro no segundo estado ou quando parado, está como já se disse no estado proprio a obser- var-se todos os preceitos da arte.

No terceiro estado, ou aplumado, raras vezes arranca se não se tomar muito curto, urge pois tomar todas as precauções, porque conservando todas as pernas, é provavel que colha o toureiro.

Os touros *boyantes*, revoltosos, os que se *cin- gem* e os que ganham terreno são portanto presta-

veis e faceis de correr, observando o toureiro os preceitos já expostos.

O touro de *sentido* quando tiver *pernas* é difficil de correr e para assim o conseguir com segurança, é tambem necessario, que o toureiro tenha muito pé e observe as regras e preceitos da arte.

O touro *abanto* quando arranca é facil de correr, apresentando a vantagem de raramente rematar as sortes, é porém conveniente que se lhe tomem devidamente as fugidas.

O touro *burricego*, deve correr-se com as precauções aconselhadas para o de crenças e com pernas.

O touro *torto* deve correr-se sabindo-lhe o toureiro pelo lado em que não tem defeito e no momento em que arranque, mudar a capa para o mesmo lado, collocando o corpo para o lado defeituoso, sabindo o toureiro por esta fórma do embroque com perfeita segurança, pois que o touro só verá a capa.

Quem se propozer correr touros deve dispôr de muita agilidade, e observar o touro quando vem correndo para evitar o embroque, flamiando a capa, ou mudando-a de mão, isto a tempo bastante para que o remate se dê na crença, ou fóra d'ella, como mais convenha.

O toureiro não deverá correr sem que o touro o siga.

As sortes de correr devem realizar-se por fôrma que o espectador veja distinctamente, que não é o touro que corre o toureiro.

Ao chegar á trincheira aquelle que trazer o touro corrido deverá afastar a mão que trazer o capote tanto quanto lhe fôr possível, estendendo o braço, formando o salto, e recolhendo o capote com rapidez, para que o touro não reconheça como lhe desapareceu o engano e não descomponha a cabeça, corneando com a capa no sólo ou na trincheira.

Quando o touro por zeloso, crença, ou sentido, perseguir o vulto e se recear que o faz com tanto interesse que possa seguil-o saltando á barreira, deverá antecipadamente collocar-se um outro toureiro em sitio adequado para poder sahir-lhe a tempo ao encontro e frustrar-lhe a intenção.

As passagens de capa fazem-se com o touro direito, isto é, dividindo por egual o terreno, e com o corpo na direcção da trincheira, que é quando pôde dizer-se, com o touro em sorte.

Quando o touro está em sorte o seu terreno é todo o que lhe fica livre pela rectaguarda até ao meio da praça, ao que se chama terreno de fóra.

Centro dos terrenos, centro das sortes, ou simplesmente centro, é aquelle em que o touro foi humilhado e em que havendo o toureiro feito o

seu *quiebro* (recorte) se dividem, tomando este e a rez cada um o que lhe pertence.

Em todas estas sortes de capa urge que o toureiro se colloque bem na frente do touro, pois de outra fôrma nenhuma sorte será luzida e embora os touros tenham muitas *pernas* é sempre preferível e mais garboso, tomal-os sobre o curto.

Veronica

A sorte da *veronica* ou de frente, exige que o toureiro quando o touro esteja collocado em sorte se lhe ponha de frente, conservando os pés firmes e a distancia proporcionada á qualidade das pernas do touro, citando-o e deixando-o vir pelo seu terreno até que chegue á jurisdicção e metta a cabeça na capa. Então, carregar-lhe-ha a sorte e quando já tenha o touro fóra e conservando-se o toureiro ainda no seu terreno tirará os braços para soltar a capa e obrigar-o a sahir de si, mudando rapidamente o movimento dos braços e das pernas e rematando assim a sorte. Tudo isto deverá ser executado por fôrma a conservar o engano na cabeça do touro, de maneira que este fique direito, se conserve em sorte e se lhe possam fazer acto continuo quantas mais sortes se possa ou convenha. Este principio tanto é applicavel ao touro *boyante* como aos demais touros.

O touro revoltoso presta-se muito a esta sorte, para a qual se deverá seguir o mesmo systema que para o *boyante*, apenas com a differença, que para o *revoltoso* deverá conservar-se a capa sempre baixa, rematando-se a sorte tambem muito pelo baixo para lhe humilhar a cabeça e para que a sahida da rez seja mais larga e mais fóra, havendo o cuidado de recuar quatro ou seis passos para traz ao rematar a sorte, pois que tendo tal classe de touros muito zêlo pelo engano, e como se revolvem para elle com facilidade, o toureiro tem de prevenir-se para que o touro lhe não fique superior e o desarme, inutilisando-lhe outras sortes.

O touro que se cinge exige mais cuidado que os anteriores.

O toureiro collocar-se-ha na mesma posição como para os outros touros, esperará que a rez arranque e a seu turno partirá immediatamente inclinando e carregando a sorte para quando o touro chegar á jurisdicção estar já no terreno de fóra, e com um pequeno *quiebro*, poder tomar-lhe o terreno.

Com esta classe de touros não se devem recolher ou retirar os braços enquanto o touro não fôr completamente humilhado, e não se encontrar todo do lado de fóra, afim de que fique farto de capa e o toureiro bem seguro do seu remate.

Para com o touro que ganha terreno urge usar todas as precauções n'esta sorte, sendo a principal, tomal-o o mais curto possivel para que aos primeiros movimentos do arranque entre na jurisdicção, isto é, apresentando-lhe sempre o engano exactamente como ao touro que se cinge, pois havendo-se desde começo preparado assim a sorte o remate será perfeito.

Quando não seja possivel tomar o touro muito curto, então, observar-se-ha o seguinte preceito. Logo que o touro arranque, tenda-se a carregar-lhe a sorte como com o touro que se cinge, fazendo os possiveis *quiebro*s com o corpo para caso o touro não obedeça, e entrar no terreno do toureiro, este melhorar-se com promptidão adeantando-se a receber a rez na jurisdicção; e assim obrigar-o não só a tomar o engano, mas o terreno que lhe pertence, e rematando como com o touro revoltoso, fartando-o de capa.

Se o touro tiver muitas *pernas*, e a trincheira ficar tão proxima que o toureiro não possa realisar a prescripção anterior, deixará então que o touro ou ganhe o seu terreno ou que se colle, dando-lhe a trincheira para então lhe dar alguns passes de capa, enganando-o assim, até que entre na jurisdicção, e pelo terreno de dentro e com a sorte bem carregada lhe fará o *quiebro* de corpo aconselhado, rematando com segurança e saindo

para a praça. Chama-se a isto, *dar a trincheira ao touro*, ou, *cambiar os terrenos*.

Por vezes esta classe de touros, devido á experiencia que adquirem, rematam a sorte com o vulto, e n'este caso, torna-se necessario pôr em prática os recursos aconselhados para os touros *de sentido*.

O touro *de sentido*, sendo o mais difficil de tourear, deve collocar-se em sorte com muito cuidado e conforme ficou indicado para a classe anterior, conservando o toureiro todo o corpo coberto com a capa para o obrigar a vir ao engano, evitando que remate com o corpo, e para isto não deverá o toureiro mover os pés até que o touro se tenha humilhado e conserve a cabeça bem mettida na capa por fórma que não possa nem vêr, nem perceber qual será o lado da saída do toureiro, que no momento em que o touro se encontre n'essa disposição lhe carregará a sorte, e sem tirar os braços lhe fará um grande *quiebro* de corpo, com o qual o obrigará a sair do centro da sorte, dando ao mesmo tempo e com rapidez quatro ou seis passos de costas para occupar o terreno que o touro abandonou. Após isto, soltará os braços, retirando a capa pelo alto ao mesmo tempo que o touro atire a cabeça para fóra, com o que ficará rematada a sorte.

Succede tambem, por vezes, que esta classe de touros quando arrancam veem já mettidos no ter-

reno do toureiro, procurando-lhe o vulto e não dando lugar a que este se melhore, pelo que, deverá o toureiro, sem pretender melhorar-se no mesmo terreno, cambiar os terrenos e seguir as condições já indicadas sobre mudança de terrenos para os touros *que ganham terreno*.

Se ainda assim o touro, revolvendo-se muito, não der tempo ao mencionado recurso, então o toureiro lançar-lhe-ha a capa sobre a cabeça, cobrindo-lh'a toda e saindo por fóra.

O touro *abanto* deve tourear-se com cuidado, pois por vezes parte com grande desproporção, devendo tourear-se seguindo as mesmas regras que com os bois *que ganham terreno*.

Com o touro *brabiene* ou *meio bravo* deve ter-se-lhe livre e prevenido o terreno de fóra, pois como saem rebrincando-se, se o toureiro se não encontrar no centro, é porque está no seu terreno, e póde soffrer com isso.

Para o touro *abanto* é prudente e util conservar a capa recolhida e ir para elle com o corpo descoberto, pois por esta fórma o touro tem menos medo e arranca melhor. Ao chegar á jurisdicção abre-se-lhe o engano, obrigando-o a tomal-o e a sair bem.

O touro *burriciego* deve citar-se curto e com a capa pelo alto, e falando-lhe quando está em sorte, segundo a sua classe.

O boi *torto* é o mais difficil de passar á capa, não podendo fazer-se com elle trabalho completo e elegante. Com este geuero de touro deve proceder-se como com o touro de *sentido*, e se vae muito mettido no engano, como succede as mais das vezes, faz-se-lhe com rapidez um *quiebro* natural, dando meia volta rapida como a da navarra, e baixando ao mesmo tempo o engano para que se humilhe bem, devendo o toureiro n'esse momento entrar-lhe no terreno para tirar-lhe os braços, obrigando-o a soffrer um destronque tão grande que afocinhe, e rematar assim a sorte com luzimento.

A esta classe de touros devem pôr-se-lhe as sortes bem separadas das trincheiras, porque, se fôrem dos que se *revolvem* muito, encontrar-se-ha o touro sem espaço para a volta.

Navarra

E' esta a sorte que se realisa com mais frequencia depois da *veronica*.

Quando o touro fôr *boyante* collocar-se-ha o toureiro em sorte, como para a *veronica*, tendo porém em attenção que o touro conserve as pernas inteiras e pondo-se curto, o citará; quando investir, lhe irá estendendo a sorte, carregando-lh'a muito quando chegue á jurisdicção, e quando já fôra, e

bem humilhado, lhe arrancará com promptidão a capa por baixo do focinho, dando ao mesmo tempo meia volta em rotação com ella para o lado, vindo novamente a ficar frente a frente com o touro.

O touro *revoltoso* quando conserva todas as pernas presta-se muito para se lhe fazer esta sorte, tendo a precaução de carregar-lh'a mais, despedindo-o mais fóra, perfilando o corpo com maior promptidão e fazendo-lhe um bom *quiebro*, o que humilhará mais o touro correndo mais desviado, isto, para que o toureiro possa sem risco retirar os braços e soltar a capa, notando ainda que, como tem de dar a volta para dentro, esta será tanto mais perfeita, quanto mais o toureiro perfilar o corpo para o lado de fóra, o que deverá executar com presteza para poder voltar-se antes que o touro se reponha.

Se por vezes succeder, devido á circumstancia do touro ser muito leve, o toureiro se demore a executar a volta, ou que por haver dado menos sahida ao touro este entre com elle, então, dará alguns passos para trás conservando a capa aberta e lhe fará a *veronica*, por n'este caso não ser prudente repetir a *navarra*.

Esta sorte executa-se com o touro que se cinge como com o *boyante*, tornando-se mesmo mais luzida, urge porém que o touro tenha muitas pernas e portanto executal-a com mais rapidez.

Esta sorte nunca deve ter logar com os touros que *ganham terreno* e com os de *sentido*.

O touro *burricego* não é proprio para esta sorte, e os tortos, quando fiquem com o olho defeituoso para o lado de dentro prestam-se especialmente para a *navarra*, que se lhe deve fazer como a *veronica*.

Sorte de peito

E' uma das sortes de menos valor, motivo por que raras vezes se executa.

Para a realisar deverá o toureiro collocar-se relativamente ao touro como para as sortes anteriores, com a differença, que tomará a direita da capa com a mão esquerda e vice-versa, e citando o touro e fazendo-lhe a sorte seguindo as mesmas regras já indicadas para a sorte da *veronica*, pois a unica differença que existe entre aquella e esta é a posição dos braços.

Esta sorte é segura com os touros *boyantes* e *abantos*.

Faz-se tambem com os *revoltosos*; para estes, porém é necessario que depois de lhe carregar a sorte com as regras já expostas e se se notar que o remate não se pôde realisar tanto fóra como se requer, para que não se revolvam e colham o toureiro, pois devido á posição dos braços não pôde dar-lhe bastante jogo, que no momento

em que se lhe carregar a sorte e ao rematal-a com ligeireza se deixem os braços em posição natural, rematando com a *veronica*.

O touro que se *cinge* tambem se presta a esta sorte, tendo o cuidado de estender-lh'a quando arranque, e vir-lh'a carregando, fazendo-lhe um bom *quiebro* e levando-o com a cabeça no engano, com o que se evitará que pizem o terreno de dentro e se lhes fará o remate com segurança.

Os touros que *ganham terreno*, os de *sentido*, e os *tortos* não se prestam a esta sorte.

Sorte de costados

A sorte de costados faz-se de duas maneiras, com a capa por diante e com ella por detraz.

Para executar-se da primeira maneira estando o touro em sorte, collocar-se-lhe-ha o toureiro na frente, porém com as costas viradas para o touro e olhando para o terreno de dentro, tendo a capa segura com a meia parte da roda para o lado do touro e com o braço completamente estendido, segurando-a sobre o peito com a outra mão, devendo conservar-se o toureiro n'esta posição, que é muito airosa, até que o touro chegue á jurisdição. Torna-se tambem necessario que o touro se fixe principalmente na capa e que não attente no vulto. Colocado o toureiro por esta fórma, citará o touro,

deixando-o vir pelo seu terreno, e assim que este chegue á jurisdicção, lhe carregará a sorte dando dois ou tres passos em rotação para occupar a parte do terreno de dentro, que o touro vae deixando, e então lhe apresentará de vez toda a capa rematando a sorte como na *veronica*.

Esta sorte faz-se com os touros *boyantes*, *revoltosos*, os *que se cingem* e os *burricégos*.

A sorte de costados com a capa por detraz executa-se por egual fórma, com a differença, que o braço que antes se colloca sobre o peito passará para as costas, resultando d'isto que a capa fica toda nas costas.

N'esta posição cita-se o touro, e assim que elle chega á jurisdicção se lhe carrega a sorte, e para a rematar, levantam-se os braços com presteza ao mesmo tempo que se dá uma pequena volta em rotação sobre o terreno que o touro deixa, estendendo-lhe então a capa por cima, e ao mesmo tempo que o touro dá a cabeçada, saindo fóra de todo.

Esta sorte é apropriada aos touros *boyantes* e *revoltosos*, sendo necessario, porém, com estes ultimos, usar de maior promptidão.

Com os touros das demais classes não é prudente tentar esta sorte.

Sorte de frente por detraz

Executa-se esta sorte collocando-se o toureiro de costas no mesmo sentido longitudinal do touro, tendo segura a capa como na sorte pela frente, citando-se o touro n'esta posição, e logo que este parta e chegue á jurisdicção se lhe carregará a sorte mettendo-se o toureiro no seu terreno, e dando o remate com uma volta de costas, ficando preparado para a segunda sorte.

Esta sorte é para se executar só com os touros *boyantes*, quando tenham *pernas*.

Recortes e galeos

Chama-se geralmente *recortes* a toda a sorte em que o toureiro se junta com o touro no mesmo centro, e quando o touro se humilha o toureiro lhe dá um *quiebro* de corpo, com o qual se livra da cabeçada e segue com differente viagem.

O *galeo* distingue-se do *recorte* porque é feito com o auxilio da capa da *montera* de lenço ou outro qualquer engano, no entanto que o *recorte* só se executa com o corpo.

O *recorte* faz-se com toda a classe de touros e por diversos modos, isto é, saindo direito ou atravessado, ou mesmo estando parado, e deixando-o

vir para quando chegar á jurisdicção e humilhar-se, o toureiro lhe dar o *quiebro*.

A unica precaução para esta sorte é a saída rapida de pés, pois quasi sempre, e se o boi se recompõe, como é natural, poderá arrancar com o vulto e alcançal-o, precaução a usar especialmente com os touros que *ganham terreno*, sendo necessario tomar-lhe muita dianteira e muita terra, e sair-lhe formando um circulo que se fechará com rapidez no centro da sorte onde então se fará o *quiebro* rapidamente, saindo com a maior rapidez possivel.

Sempre que se tencione dar um *recorte* deve-se não atravessar muito com os touros, porque assim é mais facil tapar-lhe a saída, e se devido a descuido ou ás *muitas pernas* do touro assim succeder, o melhor é dar o salto *atrás-corno*, porque é bem mais facil e mais seguro do que sair da sorte ou mudar de viagem.

O *galéo* mais frequente é aquelle a que se chama *bú*. Para o executar colloca-se a capa sobre os hombros com naturalidade, ou mesmo pela cabeça, e n'esta posição marcha-se para o touro, observando-se as mesmas regras que para o *recorte*, e quando se chega ao centro abrem-se e abaixam-se os braços, fazendo ao mesmo tempo o *quiebro* de corpo se o touro está humilhado, e uma vez executado o *quiebro*, e estando já fóra voltar-se-hão

os braços á primeira posição e concluir-se-ha o *galéo*.

Existe um outro *galéo* tambem conhecido, que se executa levando a capa sobre os hombros como para a sorte por *detraz*, saindo o toureiro descrevendo uma curva cujo termo é o centro da *sorte*, que se conclúe por um *galéo* ou um *recorte*.

Tambem se executa o *galéo* com a capa toda tomada na mão do lado que primeiro se apresenta ao touro, e quando se chega ao centro dos *quie-bros*, approxima-se do touro o braço que sustenta a capa para que elle se humilhe, e n'esse momento o toureiro tomará a saída mudando a capa para a outra mão. Tambem se executa esta sorte com *montera* ou *chapéo*.

Faz-se tambem um *galéo* quando o touro vem direito ao toureiro levantado, e com *todas as pernas*.

Quando o touro chega á jurisdicção atira-se-lhe com a capa ao focinho, ficando com um dos cantos na mão humilhando-se o touro, o toureiro passar-lhe-ha por diante da cabeça fazendo-lhe o *quiebro* para occupar o seu terreno, e quando se encontre n'elle, soltará com rapidez a capa e assim concluirá o *galéo*, notando-se que tudo isto deverá ser feito com a maxima promptidão, para que produza bom effeito.

Este *galéo* chama-se de *recorte*, e quando é bem

feito estende muito *as pernas* do touro por lhe dar um grande destronque, obrigando-o por vezes a afocinhar.

Cambios

O cambio tem logar quando se marca a saída do touro por um lado da sorte e se lh'a dá pelo outro lado.

Esta sorte só se pôde realizar com a capa, mula, ou outro qualquer engano, pois só assim se poderá dirigir facilmente o touro e mettel-o bem.

Quando o touro é *boyante* faz-se o *cambio* do seguinte modo. Toma-se a capa como para a *navarra*, um pouco sobre o curto, e logo que o touro chega á jurisdicção e se humilha, estende-se-lhe e carrega-se a sorte para o terreno de dentro, tendo porém o cuidado de não o deixar chegar até ao centro da sorte, carregando-lh'a novamente um pouco antes, para o metter bem no engano e leval-o pelo terreno de fóra para lhe dar a saída pelo natural. Pelo exposto se reconhecerá, que o touro fórma um Z passando no centro da sorte por diante do toureiro.

O touro *revoltoso* é o mais apropriado para os *cambios*, devido ao muito zêlo que tem pelos objectos, e á força com que se sustem nas mãos em todas as sortes para colhêr o engano. O remate d'esta sorte é quasi igual ao da *veronica*.

Os touros das outras classes não se prestam a estas sortes.

SORTE DE BANDARILHAS

Existem seis fórmas de executar esta sorte :

Bandarilhas a quarteo

Suppondo que o touro que tem de se bandarilhar é da classe dos *sensíveis*, *boyantes*, far-se-ha a sorte da maneira seguinte. Colloca-se o bandarilheiro de cara com o touro a curta ou larga distancia, quer esteja parado quer venha levantado, cita-o, e logo que o touro entre no vulto o bandarilheiro sahirá formando um meio circulo como nos recortes. O remate será tambem o centro dos *quarteos* e onde, quadrando-se com o touro, lhe metterá os braços para cravar-lhe as bandarilhas, executando assim a sorte e tomando o seu terreno, sahirá rapidamente se necessario fôr.

Esta sorte admite uma alteração importante em alguns casos, consistindo no metter dos braços e cravar das bandarilhas. Já se disse que o toureiro deverá quadrar-se com o touro, e em seguida, metter os braços para cravar as bandarilhas, sendo de facto este o modo mais seguro de effectuar a

sorte, porque já quadrado o toureiro se acha fóra do embroque e pôde esperar sem risco a cabeçada do touro sem necessidade de metter-se, nem de lhe esperar a humilhação; bastará pois apontar as bandarilhas a uma distancia proporcionada para que quando o touro atire a cabeçada as crave, sem que o toureiro tenha mais trabalho do que abrir as mãos como se deixasse cair as bandarilhas.

A outra maneira de realizar esta sorte consiste em o toureiro collocar as bandarilhas antes de quadrar-se e tambem, antes que o touro atire a cabeçada, isto é, embrocando-o o bandarilheiro, para o que necessita metter-se muito com o touro para o alcançar na humilhação, cravar-lhe as bandarilhas e tomar o seu terreno, pois que estando embrocado só pôde esperar a cabeçada como na sorte anterior. E' este modo mais perigoso, por isso que, o bandarilheiro se lança sobre a cabeça do touro no momento em que este marra, sendo necessario metter os braços sem dobrar muito o corpo; este caso porém é mais um recurso do que sorte.

Tanto em um como em outro modo as bandarilhas deverão ser postas o mais junto possivel no cachaço do touro, e uma de cada lado e na mesma linha, para o que, urge juntar quanto possivel as mãos e conservar os cotovellos muito altos.

Em todas as sortes de bandarilhas deverá primeiro que tudo ter-se em vista, que a sahida do bandarilheiro se dê pelo lado que se tenha reconhecido ser o mais fraco do touro, aliás, se tornará indispensavel, sahir pelos dois lados.

Com o touro *revoltoso* faz-se-lhe esta sorte como se fora *boyante*, com a differença de ter de sahir com grande presteza immediatamente ao cravar-lhe as bandarilhas, porque tal classe de touro, quando se recompõe do destronque, carga logo sobre o vulto e se o bandarilheiro se não tem afastado bastante do centro da sorte, ou se o touro tiver *muitas pernas*, poderá ser colhido.

Uma das principaes precauções a usar com os touros *revoltosos*, é não sahir para elles em falso, porque, além de erro artistico saliente, é sempre perigoso com estes touros, pelo muito zelo que tem pelos objectos, sendo necessario sahir-lhe em recurso e com *muito pé*.

O touro que se *cinge* é em geral bom para esta sorte, sendo apenas necessario por parte do toureiro prevenir-se, dando-lhe mais alguma terra, para no caso do touro ser muito vivo o bandarilheiro se não encontrar com a sahida fechada. Raras vezes será necessario sahir com rapidez, mórmente, se a sorte fôr bem executada, todavia, em qualquer dos casos se aconselha a execução

rapida da sorte, porque o touro possa rematar como rematam os que *cortam terra*.

O touro que *corta terra* já não se presta tanto a esta sorte, comtudo tambem se lhe faz, apresentando porém o inconveniente de logo que o bandarilheiro lhe sahe fazendo o *quarteio* o touro arrancar cortando-lhe o terreno, de maneira que, quando se unem no centro da sorte e ainda que a sahida não esteja tapada, como succede com frequencia, o touro não soffre destronque porque vem a rematar sobre o mesmo terreno do bandarilheiro, e este, pondo-lhe ou não as bandarilhas, deverá sahir com todo o *pé*. Torna-se pois necessario para verificar esta sorte com tal classe de touros evitar fazer-lhe o *quarteio* como aos demais, a não ser, quando esteja parado, porque assim, não cortará e a sorte sahirá boa. Caso porém traga viagem, então, deverá sahir-se-lhe direito á cabeça, observando o terreno para o qual o touro manifesta tendencia de tornar, e assim ao acercar-se d'elle o toureiro lhe fará o meio cêrco do *quarteio* e tomando a sahida pelo lado contrario que o touro manifesta tomar, conseguirá evitar que este lhe corte o terreno por ignorar qual a viagem que leva o toureiro.

N'esta sorte e com taes touros, sempre que venham levantados e o toureiro sáia a larga distancia fazendo-lhe o *quarteio*, vêr-se-ha com a sahida

tapada, porque, havendo manifestado ao touro a viagem que leva, este sobra-lhe tempo e terreno para lhe cortar a sahida com que o toureiro contava. Se este alguma vez lograr sahir não será isso motivo para que considere tal systema como seguro, pois que, como o touro não soffre destronque algum, seguirá sobre o vulto e colbel-o-ha se o toureiro não tiver muito pé.

E' pois opportuno antes de bandarilhar taes touros, fazer-lhe perder a grande facilidade de *pernas*.

Ao touro *boyante*, ao *revoltoso*, e mesmo ao que se *cinge*, poderá deixar-se-lhe toda a facilidade de *pernas*, mas só quando o toureiro seja tambem muito agil.

O touro de *sentido* deve bandarilhar-se com muito cuidado porque, independente do toureiro ter que vencer a sua tendencia natural para rematar com o vulto, apresenta-se tambem o inconveniente de se tapar no acto da sorte, ou arrancar e suspender-se no centro das distancias, observando a viagem do toureiro de modo que, ainda que alcance este, evita a sorte.

A maneira mais segura de realisar a sorte com esta classe de touros é proceder como com os que *ganham terreno*, mettendo os braços fóra no acto da humilhação sem a menor demora em affastar-se do centro, e sabindo com todo o pé ponham-se

ou não as bandarilhas. Algumas vezes poderá o bandarilheiro encontrar-se quasi embrocado pelo touro no momento de ir a sahir e quadrar-se, este embroque porém será sempre pelo costado e nunca será perigoso quando se dispozer de bastante agilidade para fazer um *quiebro*, e sem quadrar-se nem deter a carreira, cravar sendo possível, uma bandarilha ao todo do embroque, com o que o touro fugirá um pouco, e então, estando já fóra, poder-se-ha sem perigo cravar a outra, nunca intentando tal trabalho sem se vêr que o touro esteja um tanto afastado, isto é um recurso mais.

Defender-se e tapar-se, são qualidades inherentes á indole dos touros e para as quaes o bandarilheiro só poderá socorrer-se da sua agilidade. Quando o touro não quer humilhar-se e bem pelo contrario se tape mais ou se approxime do centro da sorte e começa a cornear e a dar sobre o alto o que aliás é muito raro, então o bandarilheiro levará a *montera* na mão, que fique do lado do touro, e no momento em que chegue á jurisdicção, lançar-lhe-ha a capa ao focinho obrigando-o a humilhar-se, prestando-se a que se lhe colloquem as bandarilhas.

As bandarilhas a *cuarteio* põem-se com muita facilidade nos touros *abantos*, devendo para isso deixal-os chegar-se muito, e sem receio, collocar-lhe as bandarilhas mesmo embrocados, porque,

apenas sentem o castigo, saem. Nunca se deverá tirar-lhe *as pernas*.

Os touros *burricegos* bandarilham-se fazendo-se-lhes a sorte conforme se apresentam, e como já indicámos para os outros touros, convindo preferir quando venham levantados, como já indicámos para o *recorte*.

Como d'esta classe de touros uns vêm melhor de perto, e outros ao longe, quando os toureiros os conheçam deverão tomar a distancia apropriada para a sorte.

Os touros *tortos* são os mais proprios para esta sorte, indo-se para elles como para os *recortes*, observando-se quanto ao mais as regras seguidas e já indicadas para os *boyantes*.

Quando houver de fazer-se esta sorte a um touro que venha levantado e com viagem para a crença, haverá o cuidado de tomar-lhe bastante dianteira, ainda mesmo que elle seja da classe dos *boyantes*, aliás será impossivel passar.

Se fôr de *sentido* ou dos *que ganham terreno*, nunca deixará passar para se lhe fazer o *quarteio* por muita terra que se lhe tome. A maneira então de lhe fazer a sorte, n'este caso, é esperal-o na crença, e quando já estiver fóra d'ella sair-lhe ao encontro, formando-lhe o *quarteio* de modo que novamente fique a crença livre.

Bandarilhas á meia volta

As bandarilhas *a meia volta* são as que se collocam citando o bandarilheiro o touro pela parte trazeira, e no momento em que este se volta, se quadra com elle e lhe mette os braços.

Esta sorte faz-se de dois modos, ou conservando-se o touro parado, ou citando-o sobre o curto ou sobre o largo, ou finalmente, quando vá levantado.

Se o touro fôr *boyante*, situado o bandarilheiro por detraz d'elle, e a curta distancia, cita-o-ha para que se volte, e quando se humilhe pela proximidade em que vê o bandarilheiro, este sairá pelo mesmo lado por onde o touro se voltou para quadrar-se com elle e metter-lhe os braços, saindo sempre com todo o pé.

Esta sorte é facil e segura, porém o bandarilheiro deverá sempre ter cuidado em não sair depois de citado o touro, sem ter notado o lado por onde este se volta, para que não succeda que saia por o mesmo lado por que se embrocará sobre o curto e em más circumstancias.

Deve procurar-se, quanto possivel, provocar o touro a que se volte pelo terreno de fóra, porque então o bandarilheiro fugirá, como deve, pelo lado de dentro.

A isto chama-se, tomar os seus terrenos depois de rematada a sorte.

Esta sorte faz-se de igual maneira a todas as classes de touros, porém será conveniente, para completo exito, executal-a tendo préviamente tirado *as pernas* ao touro, especialmente, quando fôr *revoltoso*, ou dos *que ganham terreno*, ou de *sentido*, que geralmente rematam no vulto.

Aos touros *tortos* deve procurar-se fazel-os voltar pelo lado do olho defeituoso.

Para realisar esta sorte da segunda maneira, isto é, saindo largo por detraz, será util que ao chegar a curta distancia do touro se lhe fale para que se vire, sendo sempre conveniente sair-lhe um pouco sobre o lado por onde se quizer fazer-lhe a sorte, para que o touro, notando o vulto, se volte para elle n'esse mesmo sentido.

Os touros de *sentido*, difficeis de bandarilhar de outra maneira, prestam-se a esta fôrma, sendo porém sempre necessario tirar-lhe *as pernas*.

Ha ainda um terceiro modo de collocar as bandarilhas, *á meia volta*, quando o touro está levantado.

Para bandarilhar d'esta maneira correrá o bandarilheiro atraz do touro até que logre pôr-se a uma distancia regular, d'onde lhe falará, seguindo sempre a sua viagem e procurando-lhe o costado para que o veja, e quando se volte, quadrar-se com elle e pôr-lhe as bandarilhas.

Geralmente não é necessario sair com muito pé porque o touro não se interessa pelo vulto, pois que, como vae levantado, sáe para fóra, e se o bandarilheiro não se lhe metter perderá a sorte.

Esta maneira deve ser preferida principalmente para os touros claros, sendo o momento opportuno de a pôr em pratica, aquelle em que touro acabando de receber um par de bandarilhas vae atirando cabeçadas e dando saltos para se libertar d'ellas, não tendo n'esse momento tanta ambição pelo vulto, e se fôr mau de natureza, o bandarilheiro o fará correr para onde receba mais castigo, facilitando um remate simples.

Das bandarilhas a topa carneiro

Esta sorte é tambem conhecida por *sorte de peito* e a *pé firme*. E' de mui difficil execução, muito rara entre nós, mas uma das mais bonitas.

Para a realisar, necessario é que o bandarilheiro se colloque de cara com o touro a larga distancia, quer elle venha levantado, quer citando-o, para o obrigar a que arranque.

O bandarilheiro conservar-se-ha parado até que o touro chegue á jurisdicção e se humilhe, aproveitando esse momento para lhe fazer rapidamente um *quiebro* com o corpo, para sahir-se do embroque, e quadrando-se lhe metterá os braços, achau-

do-se já fóra da jurisdicção e assim rematará com segurança.

Se o touro fôr *boyante* não é necessario sahir com muito pé, a não ser que o touro seja de muitas *pernas*.

Com os touros *revoltosos* só devem tentar esta sorte os bandarilheiros que tenham muito pé, pois n'ella mais do que em qualquer outra se repõem os touros facilmente, sahindo, a seguir o vulto.

Não é tambem prudente pretender executal-a com os touros *que se cingem* e com os que rematam no vulto, não só por ser difficil deital-os para fóra com limpeza, senão tambem, porque se recompõem n'um momento em consequencia de haverem soffrido pequeno destronque por entrarem no terreno do bandarilheiro, succedendo que se este não fôr muito agil, será colhido.

Póde-se pois ter por certo, que esta sorte é applicavel quasi exclusivamente aos touros *boyantes* com os quaes sahem perfeitas, produzindo magnifico effeito vêr o bandarilheiro esperar com firmeza o touro e quasi sem mover-se, collocar-lhe as bandarilhas.

Esta sorte póde tambem considerar-se segura quando o touro venha levantado ou com viagem para a crença, por arrancar muito bem com o vulto que se lhe apresenta, estorvando-lhe a viagem.

Sorte á meia volta

Esta sorte faz-se, geralmente, estando o touro parado e proximo da trincheira e correndo o bandarilheiro com todo o pé; executa-se, porém, só com os touros que já estejam sem *pernas*, quasi aplumados, e quando se lhes nota crença com as trincheiras ou qualquer outro ponto da praça.

Por outra qualquer fôrma não se obterá sem mau resultado.

Para a executar colloca-se o bandarilheiro ao lado ou em frente do touro e a distancia, em relação com a agilidade de que disponha; cita o touro para que se volte para elle, sahindo-lhe com muito pé, e quando chegar metter-lhe-ha os braços, cravando-lhe as bandarilhas, voltando a sahir-lhe com a maior agilidade para não ser embrocado no acto de lh'as collocar, pois se se detiver, quando o touro se volta dar-se-ha o emborque do quadrado sobre o curto, de que difficilmente se sahirá.

Tanto é assim, que para realisar esta sorte com segurança, é indispensavel que o touro não tenha *pernas* e que esteja aplumado em sitio proprio, e que o bandarilheiro saia com muito pé e sem deter-se um instante no lugar onde pôz as bandarilhas.

Esta sorte é differente em tudo das demais, pois n'ellas é indispensavel que o touro arranque, se humilhe e entre na jurisdicção e atire a cabeçada, que o bandarilheiro pare no momento proprio, que emborque e que faça o *quiebro*, emquanto que n'esta só se torna necessario que o touro esteja parado e que o bandarilheiro não faça diligencia alguma.

Se no momento do bandarilheiro correr direito ao touro este se voltar, mudará de viagem para sahir da sorte, ou pôr-se-lhe-ha a meia volta, o que é mais correcto.

A sorte indicada pôde executar-se com toda a classe de touros, sempre que estejam nos casos que indicamos.

Bandarilhas ao recorte

Esta maneira de bandarilhar é bonita, menos vulgar, podendo dizer-se ser a principal sorte, mas é difficil e exposta.

Consiste a sua execução em caminhar para o touro para fazer-lhe um recorte, e no momento do *quiebro* metter os braços para collocar-lhe as bandarilhas, pelo facto de elle se encontrar humilhado. Vem porém, a proposito, a advertencia que se torna necessario mover o corpo como para um recorte e que portanto, no acto de metter os bra-

ços, que é o da humilhação do touro, e também, quando o bandarilheiro deve fazer-lhe o *quiebro*, achando-se o touro quasi emborcado de lado, quando este atire a cabeçada, estará já o bandarilheiro fóra, mas terá ainda os braços mettidos, porque n'esse momento não lhe terá sido possível cravar as bandarilhas, o que se realizará com o cachaço do proprio touro, pois que, o bandarilheiro pela sua posição forçada não póde inclinar-se sobre elle nem baixar-se para o aproveitar na humilhação. É esta circumstancia, que origina a grande difficuldade na execução d'esta sorte, por o bandarilheiro ter de esperar a cabeçada do touro no centro, e ao mesmo tempo livrar-se d'elle por um recorte com o corpo, sem comtudo sahir para fóra, pois terá de conservar os braços mettidos até cravar as bandarilhas. D'esta grande difficuldade resulta a belleza de tal sorte. A posição por si é tão airosa que quasi todos os pintores no genero a tem reproduzido.

Nunca deverá tentar executar esta sorte o bandarilheiro que não seja bastante dextro nos recortes, e que sempre que queira fazer o recorte do centro, seja isto o bastante para que o touro o não possa alcançar na cabeçada, pois que, ainda que não crave as bandarilhas, vale bem certo mais ficar com ellas nas mãos do que ser desfeito pelo touro.

Como principio, esta sorte só se deverá tentar com os touros *boyantes* quando venham levantados, e excepcionalmente com os *abantos* e os *tortos*.

Parchear

É de bom effeito o parchear um touro com um lenço, um papel ou com estrellas de panno de côres, untadas de qualquer ingrediente que as faça adherir á pellagem do touro.

Para esse fim deverá tomar-se na palma da mão o objecto com que se quer parchear, ficando com a parte untada com a materia adherente para o lado exterior.

Parchea-se a *quarteio*, á *meia volta*, a *ciesgo* e a *recorte*.

As mais das vezes para executar esta sorte leva-se n'uma mão a capa e na outra o parche, não só para maior segurança na sorte, mas como recurso no caso de necessidade.

Tambem se pôde parchear com dois parches, tomando um em cada mão, como se foram bandarilhas, o que, além de bonito é difficil.

É conveniente não parchear por qualquer das quatro fórmas indicadas, senão os touros *boyantes* e *abantos* e por vezes os *tortos*.

Parchear a quarteio. — Para parchear por esta fórma é necessario observar as mesmas regras

que para bandarilhar a *quarteio*, attendendo que o parche terá de collocar-se sempre quando o bandarilheiro esteja quadrado com o touro, em cuja disposição se lhe collocará de frente, mettendo-lhe o braço pela parte superior da testa e por entre as armas. Deverá levar-se o parche na mão do lado d'onde está o touro, que é sempre o da fuga, de maneira que, se o remate da sorte é o lado direito levar-se-ha o parche na mão direita, por isso que é esta a que ficará mais proxima do touro.

É regra geral para as sortes de parchear sahir com pé, porque os touros não experimentando destronque nem castigo algum, colherão o bandarilheiro se este demorar a sahida, pelo que, é muito conveniente tirar-lhe primeiro as *pernas*.

Para parchear a *quarteio* segue-se o mesmo principio até o bandarilheiro se quadrar. Depois, torna-se mais difficil, pois que, se na sorte anterior se pega o parche na testa do touro, n'esta maneira, tem de pegar-se-lhe no focinho ou proximo ás narinas. N'este caso o braço do toureiro tem de passar por baixo do corno direito do touro (se a fuga tiver de ser pela direita) e o braço contrario por cima do tez-tuz para collocar o outro parche sobre a testa do touro.

A necessidade de que o bandarilheiro execute esta sorte com vivacidade e promptidão, explica-

se, e justifica-se, pelo que pôde soffrer demorando-se n'esta posição, que é a de um *quiebro*, sendo obrigado a compôr-se rapidamente e a sabir com muito pé, porque se o touro se repozer, alcançaloha com facilidade e correrá muito risco por não dispôr de engano.

Tambem se parchea com dois parches, collocando-os na frente do touro para o que urge que os dois braços lhe passem por cima do *tez-tuz*, sorte esta de mais effeito e bem mais facil do que a precedente.

O modo porém mais attrahente de parchear e de melhor effeito, é parchear o touro na cara e na frente.

Para parchear á *meia volta*, a *ciesgo* ou a *recorte* devem observar-se as mesmas regras já indicadas para as bandarilhas d'esta classe, devendo-se fazer ou não, segundo a classe do touro e o seu estado, advertindo que em todas as fôrmas se pôde parchear com segurança, possuindo o bandarilheiro os requisitos necessarios e antes indicados.

Quando o touro está levantado presta-se ás sortes a *quarteio*, de *peitos* ou a *recorte*. O estado de parado é o mais a proposito para a sorte de *meia volta*, e o de *aplumado*, para a de *ciesgo*.

Podem fazer-se as primeiras sortes em todos os estados em que o touro se encontre, havendo o

cuidado de o preparar para esse fim. Exceptuar-se-ha porém a sorte a *ciesgo*.

Mulêta

Para passar o touro de mulêta collocar-se-ha o toureiro como para a sorte de capa, isto é, bem alinhado, tendo a mulêta na mão esquerda que deve ficar para o terreno de fóra. N'esta posição citará o touro guardando as distancias em conformidade ás qualidades que tiver reconhecido ao touro e assim deixará que este chegue á jurisdicção, e quando este lhe tome o engano lhe carregará a sorte, dando-lhe o remate por alto ou por baixo como faria com a capa, advertindo, que se o touro fôr *boyante* poderá ter a mulêta quadrada, tomando-a na sua largura, porque esta classe de touros apesar de muito brava segue sempre pelo seu terreno, não sendo necessario com elles mais do que mudar de terreno e perfilar-se ao carregar-lhe a sorte e ao rematal-a, dar-lhe um quarto de volta com o que se completa a meia volta, para assim voltar a ficar de frente com o touro.

Chama-se a isto passe-regular que se distingue dos passes de peito, que é necessario dar em seguida aquelle, quando o touro fique em sorte e o toureiro não julgue opportuno rematar a sorte evitando assim ter de passar a mulêta de mão.

Os touros de sentido, os que ganham terreno, e os que tenham muitas pernas devem passar-se de mulêta.

Ha mais algumas sortes de pé pouco usadas de que em seguida faremos menção, com especificação das regras seguidas para algumas d'ellas.

Salto a traz-cuerno. — Dá-se este salto exempto de engano ou vara. Toma-se o touro atravessado por fôrma que este conheça a viagem do toureiro para lhe cortar a terra, este então irá detendo-se ou adeantando-se, conforme convenha, até chegar ao centro da volta inteiramente atravessado e com a sahida tapada, n'este caso o touro humilhará para colher o vulto e será então que o toureiro formará o salto por cima dos páos.

Salto de testa (testuz). — Póde fazer-se de duas maneiras, ou estando o touro parado e esperando que citado entre na jurisdicção e se humilhe, em cujo momento o toureiro lhe porá um pé na testa entre os páos e o galgará de um salto no sentido do rabo, sahindo com muito pé; ou então, sahindo com viagem direito ao touro e quando se chegar a embrocar dar o salto.

Os melhores touros para estas sortes são os *boyantes*.

Salto de vara. — Toma-se uma vara grossa abicada para se escorregar.

O toureiro espera o touro no meio da praça e

quando este entra na jurisdicção formará o salto como se tivesse de salvar uma valla ou um barranco, dando uma pequena carreira para cahir atraz do touro.

Os touros quando embollados em boas condições corneam bem, ha porém alguns que apesar de bem embollados tem um lado com que dão primeiro, como os baixeis, o que se reconhece com facilidade não só, pela configuração dos córnos, como pela fórma por que começam ao dar as primeiras cabeçadas, muitos outros apresentam essa defesa, devido á sahida do toureiro sempre pelo mesmo lado depois de lhe ter applicado o castigo.

É conveniente que, para corrigir este vicio, ou defeito, os toureiros trabalhassem toureando igualmente para ambos os lados, o que infelizmente succede com bem poucos.

Succede tambem que os touros mudam de estado com rapidez, pois que muitas vezes sahem manifestando uma classe, e passam rapidamente para outra, isto é sahem como *boyantes* e tornam-se de *sentido*.

Tal transformação é devida ou a que os tenham toureado mal, ou a que hajam colhido algum toureiro. N'este caso, na sua volta ao primeiro estado, deverá o toureiro considerar o touro como de *sentido* e usar de todo o cuidado possivel para não ser colhido.

Tambem se dão as transformações de classe em sentido inverso, isto é, que um touro de sentido ou de carregar terreno em virtude da sua sensibilidade e demasiado soffrimento com o castigo se torna *boyante*.

É importante conservar os touros com a cabeça bem composta, todavia os nossos toureiros, insistindo por vezes em lhes deixar a capa na cabeça ou no chão, desconcertam-nos e descompõem-nos obrigando-os a ensarilhar e sacudir em vez de marrar, e até a crenciar-se, tornando-se pois necessario não lhes lançar nunca a capa ao *teztus* e ao focinho, mas bem por baixo, para os humilhar.

Ha touros que por defeito e menos equilibrio arrancam melhor e tomam a terra mais por um lado, circumstancia de que se deverá aperceber o toureiro para melhor poder formar-lhe as sortes.

Ha outros que lançam terra e escorvam tardando em arrancar, perdendo-se o sorte, n'este caso, é necessario cital-os novamente.

Quando se trate de abrir um touro, isto é, affastal-o da trincheira, deve lançar-se-lhe a capa ás mãos muito por baixo e por dentro, para o obrigar a dar a meia volta, ficando assim disposto para a sorte; quando porém esteja desviado da trincheira e se torne necessario chamal-o mais para ella, en-

trar-se-lhe-ha com a capa mais alto e pelo terreno de fóra para dentro.

Nos touros pôde e deve attender-se á offensiva e á defensiva.

Devem considerar-se como offensiva todos os movimentos do touro com o fim de colher o vulto, apoderar-se d'elle e destroçal-o ou, por outros termos, arrancados, humilhações e achaços.

Pertencem á classificação de defensiva os movimentos do touro que manifestam a intenção de evadir-se ás sortes, evitando o damno que estas lhe occasionem, isto é, tapar-se, parar-se nos centros, etc.

A offensiva é própria aos touros *boyantes* e bravos, a defensiva, aos *abantos* e já corridos.

OBSERVAÇÕES

Investida do touro

Chamamos a atenção dos que quizerem tourear para os seguintes pontos :

Consistindo a principal regra de tourear em o toureiro fazer a tempo os necessarios movimentos para se livrar do touro e correspondendo a cada movimento d'este, em sorte, um outro do toureiro para o illudir, é evidente que se torna absolutamente necessario nunca perder o touro de vista, para a tempo se proceder em conformidade.

Nas sortes de capa ha que attender, primeiro, ao momento em que o touro entra na jurisdicção e se humilha; segundo, aquelle em que elle mette a cabeça para o engano; terceiro, quando estando já fóra, atira a cabeçada.

O primeiro movimento indica-nos a necessidade de emendar o terreno ou conservarmo-nos no que

occupamos, o que faremos se o touro vier tranquillamente pelo seu terreno.

O segundo movimento indica-nos quando devemos carregar a sorte e fazer o *quiebro*, que divide os terrenos.

O terceiro movimento serve-nos para retirar-lhe os braços a tempo e dar-lhe o remate largo ou curto, por alto ou por baixo, isto conforme o caracter do touro e para o prepararmos para segunda sorte.

Tambem se deve observar com attenção o momento em que o touro chega á jurisdicção, se humilha e dá a cabeçada, soffre o destronque e se compõe, para nos podermos a tempo preparar para embrocar, quadrarmo-nos, metter os braços, e sahir a tempo, no que consiste principalmente o bom exito das sortes.

Para o recorte, deve haver cuidado em observar com exactidão quando o touro entra no centro do *quiebro*, e qual o momento em que se humilha, para lh'o poder fazer a tempo e mettermo-nos no seu terreno.

Sortes a cavallo

O cavalleiro deverá possuir todas as qualidades do toureiro a pé, e além d'estas, conhecer bem a equitação.

Será conveniente que os arreios do cavallo ou

cavallos de combate sejam de couro negro e quanto possivel simples, pois que a gamarra e mais adornos e recursos da equitação, não dão boa idéa do cavalleiro ou do cavallo e desagradam em geral ao espectador.

Os touros tomam as crenças e os estados quer toureados a pé, quer a cavallo. As duas classes para cavallos devem ser *boyantes* e *abantos*.

Os *boyantes* são os que apesar de muito bravos tomam o seu terreno conforme lhe deixa o cavalleiro, podem porém, além de ser *boyantes*, ser brandos, isto é, que se sintam muito do castigo quando mais pesado ou violento que nas sortes de pé, motivo porque, não entram bem em sorte e ao alcance do cavalleiro; quando *boyantes* são menos sensiveis ao castigo, conservam-se no seu terreno e recebem com promptidão o cavalleiro.

Os touros que ganham terreno e de recarga ou pegajosos, são os que ao citar-se pretendem tomar o cavallo das cilhas para a frente, e que quando rematada a sorte e tendo o terreno livre o abandonam perseguindo o cavallo em recarga.

Os *abantos* conservam para as sortes a cavallo as mesmas qualidades que para as sortes a pé.

O cavalleiro deverá marcar com a possivel precisão o seu terreno e o do touro.

O terreno do touro é geralmente o que fica á

direita do cavalleiro e a entrada do touro deverá ser com direcção ás cilhas do cavallo.

O terreno do cavalleiro não é precisamente o da esquerda, mas sim aquelle cuja sahida seja mais rapida e desembaraçada, devendo todavia diligenciar seja pela esquerda.

Por muito varias que sejam as sortes a cavallo conservam todavia estreita relação entre si, e n'ellas se observam os mesmos preceitos e regras que n'estas, pois que algumas não são mais do que bandarilhas apontadas com um só braço.

Uma das bellezas das sortes a cavallo consiste, em saber evitar que o touro toque o cavallo.

Com os touros que ganham terreno e de recarga quando tenham *muitas pernas* e sejam mettidos de cabeça, não é possivel ao cavalleiro defender-se e ao cavallo, tornando-se necessario o auxilio de capote para fazer arrancar o touro, e bem assim, quando urge obrigar-o a tomar o seu terreno, isto bem entendido, sob a indicação do cavalleiro.

Assim, qualquer que seja a sorte, deverá o cavalleiro citar o touro deixando-o chegar, e dando a regular sahida ao cavallo, animando-o a fazel-a com rapidez, mas nunca, antes que o touro tenha entrado na jurisdicção e se humilhe, aproveitando o momento para lhe cravar a farpa que lhe apontará com o necessario e possivel aprumo, exercendo certa pressão sobre ella antes de partida, no sen-

tido de affastar o touro do cavallo, e partindo-a quando reconheça qual a sahida que tem a dar ao cavallo.

A esta maneira de tourear chama-se *perder terra*, e póde executar-se com todas as sortes, muito principalmente com a de meia volta.

Ás sortes a cavallo, com excepção da *á estribeira*, dá-se os mesmos nomes que ás sortes a pé.

Sortes

O toureio a cavallo é luzido e tem muito merito.

Como já dissemos, os predicados para ser bom toureiro a cavallo são approximadamente os mesmos que para o toureiro a pé, carecendo porém de ser eximio cavalleiro.

O toureiro a cavallo tem de attender aos seus companheiros a pé, ao cavallo e ás sortes que pretender executar.

Antes de tratar das sortes, convém dizer alguma cousa com relação ás condições do cavallo e da maneira mais pratica e util de o arrear.

Deve preferir-se um cavallo inteiro e com mais de cinco annos como garantia de boa apparencia, pois que os cavallos castrados são em geral reparadores, devido a enfraquecimento da vista, e medrosos.

Deve o cavallo ser ligeiro, rapido e prompto nos movimentos e, pelo menos, são de pernas.

É conveniente que o cavalleiro dê ao cavallo o maior amero possivel de lições, especialmente se não foi elle proprio que o educou, isto com o fim de que o cavallo se tenha habituado com elle, conheça os seus desejos e vontade á mais simples ajuda.

Um cavallo de educação muito cuidada, fino e de sentimentos nobres, não é por certo o mais proprio, para o torneio, por se não prestar ás contrariedades com que constantemente é incomodado pelo cavalleiro.

O cavallo sem que deva ter uma boca muito fina deve todavia estar sempre na mão do cavalleiro, prompto a sahir, estacar, e passar de mão, tanto sobre a direita, como sobre a esquerda, sem resistencia nem difficuldade.

Os arreios deverão ser simples, sem peitoril, gamarra e redeas falsas, pois quanto menos obstaculos apresente em que o touro possa embarçar-se e distrahir a attenção do cavalleiro, por certo mais livre estará este de quaesquer contra-tempos.

Além das cilhas de panno será util e prudente a cilha mestra de couro, que abraça a sella com o cavallo, pois d'este modo, é certo que a sella nunca será sacudida como succede quando as juntas rebentam.

O rabicho não apresenta inconveniente algum, pois além de vestir e compôr o cavallo auxilia a estabilidade da sella no seu logar, circumstancia necessaria para evitar o desequilibrio entre o cavalleiro e o cavallo.

Sortes

Tendo o cavalleiro antes de entrar na praça observado se o cavallo está bem arreado e esperto (afinado), fará a sua entrada a passo, declinando um pouco sobre o lado do touril, e uma vez parado quasi em frente d'elle, fará a saudação á auctoridade e preparar-se-ha para receber o touro.

A qualificação dos bois para o toureio a pé e as condições a observar nas respectivas sortes com relação á entrada, remate e sahida são perfeitamente identicas, sendo todavia, de absoluta necessidade, o auxilio de uma ou duas capas para no caso de emborque ou de recargas se fazer os *quites* necesarios para que o cavalleiro possa compôr-se afim de novamente citar o touro e entrar em nova sorte.

As sortes a cavallo são quatro, a saber : *meia volta*, á *garupa*, de *estribeira* e á *tira*.

Faz-se tambem diversas sortes *de occasião*, bem como, a chamada da *gaiola*, que se deve classificar

melhor de *á estribeira*, e que igualmente não deixa também de ser considerada como occasional.

N'esta sorte o cavalleiro procurará o logar que lhe pareça mais conveniente em frente do touril, segundo a opinião e juizo que tiver feito do touro que vae lidar.

Sorte á meia volta. — É a sorte em que o cavalleiro seguindo o touro, o cita para que se volte e n'esse momento, toma o cavallo na mão, e quadrando-se com o touro assim que este entra na jurisdicção lhe crava o ferro.

Esta sorte deve executar-se com o touro parado, e para poder ser bem rematada, deverá o capinha auxiliar estar do lado opposto áquelle em que o cavalleiro occupar para realisar a sorte.

Não deve o toureiro que auxiliar a pé, attrahir por completo com a capa a attenção do touro, por ser conveniente deixal-o fixar-se no cavalleiro, mas não tanto, que abandonando por completo o engano se vire antes de tempo e lhe corte o terreno, pois que assim, além de se perder a sorte, poderá dar logar a suppôr-se que o cavalleiro fez a sua saída em falso.

Esta sorte também se pôde executar quando o touro vá levantado, devendo todavia fazer-se sobre o largo, para que produza melhor effeito, citando-o o mais curto possivel.

Será conveniente a certa distancia fallar ao touro, para que se volte melhor.

Se o touro fôr de *recarga*, convém que a capa auxiliar, assim que o touro entre em sorte, lhe occupe o terreno para de ahí lhe fazer o *quite*, dando-lhe sempre sahida para o centro da praça.

Esta sorte é facil e segura e faz-se sempre de egual fórma, embora os touros sejam diferentes, devendo porém o cavalleiro para evitar emborques e rematal-a com luzimento, observar o lado porque o touro sae e para onde se vira, afim de levar o cavallo bem preparado para sair rapido, mas de maneira a assentar ao passo logo que o touro o não persiga.

Não deverá o cavalleiro esquecer conservar o troço da farpa até que lhe seja offerecida outra.

Sorte de garupa ou (redonda). — É esta sorte bonita, difficil e de grande luzimento, quando bem rematada.

O cavalleiro sairá para esta sorte como para a sorte á *meia volta*, levando o cavallo muito na mão.

Ao chegar ao terreno do touro, cital-o-ha, mas se o touro não arrancar immediatamente, mas sim, quando o cavallo já se achar fôra do terreno da sorte, então tomará o cavallo na mão para que

affrouxe o passo, esperando assim que o touro lhe entre na jurisdicção e n'esse momento, fazendo a rotação do corpo da cintura para cima virando a cara para a garupa do cavallo e alargando o braço, esperará que o touro se humilhe e lhe cravará a farpa, dando logo prompta saída ao cavallo.

Esta sorte faz-se com exito sempre que o cavallo seja de prompta saída e muito rapido ; aliás, se o touro recarregar, haverá perigo.

Sorte á tira. — É a sorte apropriada aos touros que se crenceam e pegam ás trincheiras.

Faz-se geralmente, collocando-se o cavalleiro distante do touro e tambem proximo da trincheira, dando porém, como nas outras sortes, a direita ao touro.

É sorte difficil de executar, porque, segundo o terreno que o touro tiver tomado é que o cavalleiro lhe procurará fazer o remate. Se o touro lhe sair com poucas *pernas* e deixando o cavallo avançar, tomar-lhe-ha a sorte, esperando-o na jurisdicção e cravando-lhe o ferro como na sorte de garupa, e rematando passando o cavallo de mão sobre a direita, por onde sairá, deixando que o touro lhe passe á garupa.

Quando o touro arrancar com muitas *pernas*, então o cavalleiro quando o vir chegar á jurisdicção lhe carregará a sorte, e para evitar o embor-

que, passará de mão sobre a esquerda e fará a sua saída sem difficuldade e com perfeição.

Sorte de estribeira. — Esta sorte é julgada como a mais completa e mais difficil, por ser além da mais exposta, a menos vulgar.

A sua execução consiste em um recorte na cabeça do touro.

Para se realisar, urge que o touro se ache parado a meio da praça, então, o cavalleiro lhe sahirá tanto quanto possivel, de frente, em galope sobre a esquerda e declinando sobre a cabeça do touro, citando-o não só com o braço, mas em alta voz.

Ao chegar ao terreno do touro passará o cavallo de mão e fará o possivel para que aquelle arranque, e quando se lhe approxime lhe metterá o braço e cravará a farpa sem deixar colher o cavallo.

Consiste a difficuldade d'esta sorte, primeiro, em que o cavalleiro não pôde, sem perigo quasi certo, dobrar-se e picar o touro na jurisdicção como nas demais sortes, segundo, em ter que esperar a cabeçada do touro junto as cilhas do cavallo e sem o deixar colher, cravar a farpa e dar-lhe sahida pelo seu terreno, sem se embrocar com o touro e confundir as sahidias.

Rematada a sorte sahirá levando o cavallo a galope, que abrandará se o touro não carregar, mas procurando tomar-lhe o terreno.

N'esta sorte o auxilio da capa deve conservar-se á esquerda do touro prompto a fazel-o sahir por esse lado. Na difficuldade da sua execução consiste o seu merito, isto independente de ser tida como a mais bella e elegante das sortes a cavallo.

O cavalleiro, deve em todas as sortes diligenciar conservar-se bem aprumado sobre o cavallo.

Tambem não é proprio de bom artista, nem distincto, curvar-se para a frente nem inclinado demasiado para o lado do touro no acto de executar uma sorte.

Tambem deverá evitar assenar com a farpa e sustel-a horisontalmente ao craval-a no touro, o que é contrario aos preceitos de bom toureio.

Não julgo de bom conselho que os cavalleiros ao receberem applausos em chamadas muito especiaes, percorram a arena como costumam fazer, a pé, agradecendo ao publico, pois de certo e sem menospreso aos preceitos da delicadeza, nem prejuizo na sua popularidade, lhes ficará melhor o agradecer e cortejar o publico desde a porta da sahida.

PÉGAS E RESPECTIVAS SORTES

Para ser moço de forcado exigem-se as mesmas qualidades já indicadas e julgadas necessárias para os toureiros a pé e a cavallo.

É especialmente necessaria a serenidade e a muita attenção em observar os touros para poder com segurança julgar das suas qualidades, a fim de saber-se, como se lhes deverá pegar, e embora cumpra ao intelligente tal preceito esta não interessará por certo menos quem tiver que expôr-se ao executar a sorte.

São quatro as fôrmas de pegar um touro : de cara, de costas, á cernelha e ao rabo.

Os touros claros, bem armados, e aos quaes o capote não tenha desmanchado a cabeça, dão direito e por egual, de maneira que, depois de um pouco quebrados de cabeça com a capa, ficam preparados para pegar-se de cara.

Péga de cara

Aquelle dos moços de forcado a quem o touro nas citadas condições compete, deve collocar-se proximo do toureiro que o trastea com a capa, para entrar no devido terreno logo que o toureiro se retire e attrahir para si a attenção do touro,

conservando-se a distancia proporcional com as pernas do touro, que todavia nunca deverá ser inferior a 10 metros.

Deverá então citar o touro batendo-lhe as palmas e fallando-lhe alto.

Quando o touro arrancar com rapidez, deverá o forcado esperal-o a pé firme, e quando elle entrar na jurisdicção, dar-lhe alguma terra, isto é, recuar dois passos e collocando-se nas pontas dos pés um pouco inclinado para a frente, esperar-lhe a humilhação para lhe cahir na cabeça.

Os demais forcados seus companheiros deverão ter-se dividido-se em 4 grupos eguaes, um atraz do touro, um á direita, um á esquerda e o restante atraz do pegador em sorte, tomando-lhe a direita e a esquerda para no momento do remate da péga cahirem sobre o touro cada grupo pelo seu respectivo lado, com o fim de que o pegador lhe saia limpo da cabeça, e fique fóra do perigo.

Se o touro não arrancar com impeto, deverá o moço forcado pegador ir recuando gradualmente, e á proporção que elle avance, para conservar sempre a distancia a que entender dever executar a péga, bem entendido, depois de recuar mais dois passos.

Se o touro se demorar muito no arranque, deverá o toureiro *capinha* cital-o pela parte trazeira,

dando-lhe mais alguns côrtes de capa, os julgados necessarios, e então o moço de forcado entrando mais no terreno do touro o citará em voz alta para que este se volte e arranque sobre o seu vulto, e dando-lhe então algum terreno, para realizar a péga rematando-a com luzimento, o que despertará enthusiasmo nos espectadores entendidos. A esta fórma de péga póde applicar-se a classificação de chamar o touro ao *só-pé*.

Pégas de cernelha e de rabo

Os touros que dão a pancada alta, que ensariham dão de lado, ou são mal armados, devem ser pegados de cernelha, para o que deverão antecipadamente sahir os cabrestos acompanhados dos moços de curro para juntarem estes ultimos áquelle.

O moço forcado a quem pertencer a péga deve collocar-se ao lado do touro, e quando o vir ao alcance e descoberto dos cabrestos do seu lado, lançar-lhe o braço direito sobre o flanco, nunca além das espaduas e apoiando-lhe a mão esquerda sobre o lombo para lhe acompanhar os movimentos, cingindo-se a elle sem o apertar e procurando quanto possa todos os pontos de contacto, seguindo ou acompanhando-lhe assim todos os movimentos.

Então o companheiro rabejador correrá em seu auxilio tomando o rabo do touro quanto possivel pela pomba, esforçando-se para o obrigar a descahir sempre para o lado do companheiro que vae á cernelha, e quando o animal estacar por cansado, ambos os pegadores o largarão sahindo-lhe primeiro o da cernelha.

Esta sorte pôde e deve ser aproveitada com a de rabejar, pois se faz de igual maneira e nas mesmas circumstancias com a differença que n'esta ultima o moço forçado deve segurar o touro pela cauda com ambas as mãos e quanto lhe seja possivel o mais proximo da pombinha, conservando-se muito proximo do touro, cujos movimentos deverá acompanhar sem se tornar pesado.

Se o touro pretender cornear, será bonito e de bom effeito, tomar o rabo do touro só com uma mão e com a outra colher-lhe o chavelho, obrigando assim o touro a fazer a rotação por algum tempo.

Os companheiros deverão então arrojarse ao touro para que o pegador saia limpo da sorte ao abandonar-lhe o rabo.

Muitas vezes o touro depois de rebrincar pára como vencido, podendo e devendo o pegador aproveitar esse ensejo para sahir da sorte, sem o auxilio dos companheiros, e com manifesto agrado do publico.

Péga de costas

Para esta péga deverão preferir-se os touros que dêem a pancada alta e mais fechados de armas, mesmo porque, os de mais abertura de armas ou escachados se prestam melhor ás sortes de cara, como se se humilharem muito baixo serão um perigo para o pegador.

A fórmula de realizar esta péga é a seguinte :

O pegador deverá chamar o touro conservando-se de meio lado ou de perfil, não só para poder observar a viagem que o touro traz, mas para lhe cahir bem entre as armas.

O pegador deve no momento em que o touro chegue á jurisdição, quartear-se um pouco para lhe quebrar a pancada, o que equivalerá a dar-lhe algum terreno, e no momento em que o touro se humilhe entrar-lhe nas armas, mettendo-lhe um dos braços e melhorar-se logo com o corpo para cahir-lhe bem.

Deve esta sorte fazer-se só a touros com a cabeça muito quebrada, devendo tambem os companheiros do pegador conservar-se muito unidos para o auxiliar com a maxima rapidez.

Faz-se esta pega á meia volta, citando o touro de lado, e quando este arranca, dá-se uma pequena corrida com as costas um tanto viradas para o

touro e quando este entra na jurisdicção cahe-se-lhe na cabeça.

São estas sortes de bom effeito, e geralmente bastante applaudidas.

Como conselho aos moços de forcado direi, que evitem arremessar os barretes e muito menos os sapatos ao touro, porque além d'isto ser um recurso improprio e falso, apresenta, quando menos, a inconveniencia da má impressão para o publico, mesmo nas praças de 2.^a e 3.^a ordem. O touro mais crenciado, sempre que seja provocado com insistencia e boa vontade a arrancar, hade acabar por vir direito ao vulto sem necessidade de expedientes menos airosos.

Sendo absolutamente necessario que os moços de forcado conservem o sangue frio e a serenidade para ver bem as situações do touro e evitar os perigos, cumpre que se conservem no seu estado normal e evitem o estado de embriaguez sempre má conselheira. O homem no estado lucido dispõe dos recursos da arte para o ajudar a vencer o touro e realizar sortes de bom effeito.

Concluiremos recommendando não só aos artistas mas ainda ao intelligente de qualquer corrida, não se preocuparem muito com as exigencias do publico, e sem faltar ás attenções devidas, conciliar as manifestações dos espectadores com os dictames da prudencia e as prescripções da arte.

DO INTELLIGENTE

Cumpra-lhe dirigir a corrida em harmonia com o programma.

Julgar do estado dos touros e ordenar o trasteio e o seu devido aproveitamento, sem subordinar a sua opinião á que o publico manifeste, isto, sem dar motivo a doestos, nem occasionar perigo para os artistas, obrigando-os a arriscar-se a sortes que o estado do touro não determina nem permite, e por fim, que o publico com razão de ser, lhe possa attribuir má vontade.

NOTAS PARA O PUBLICO

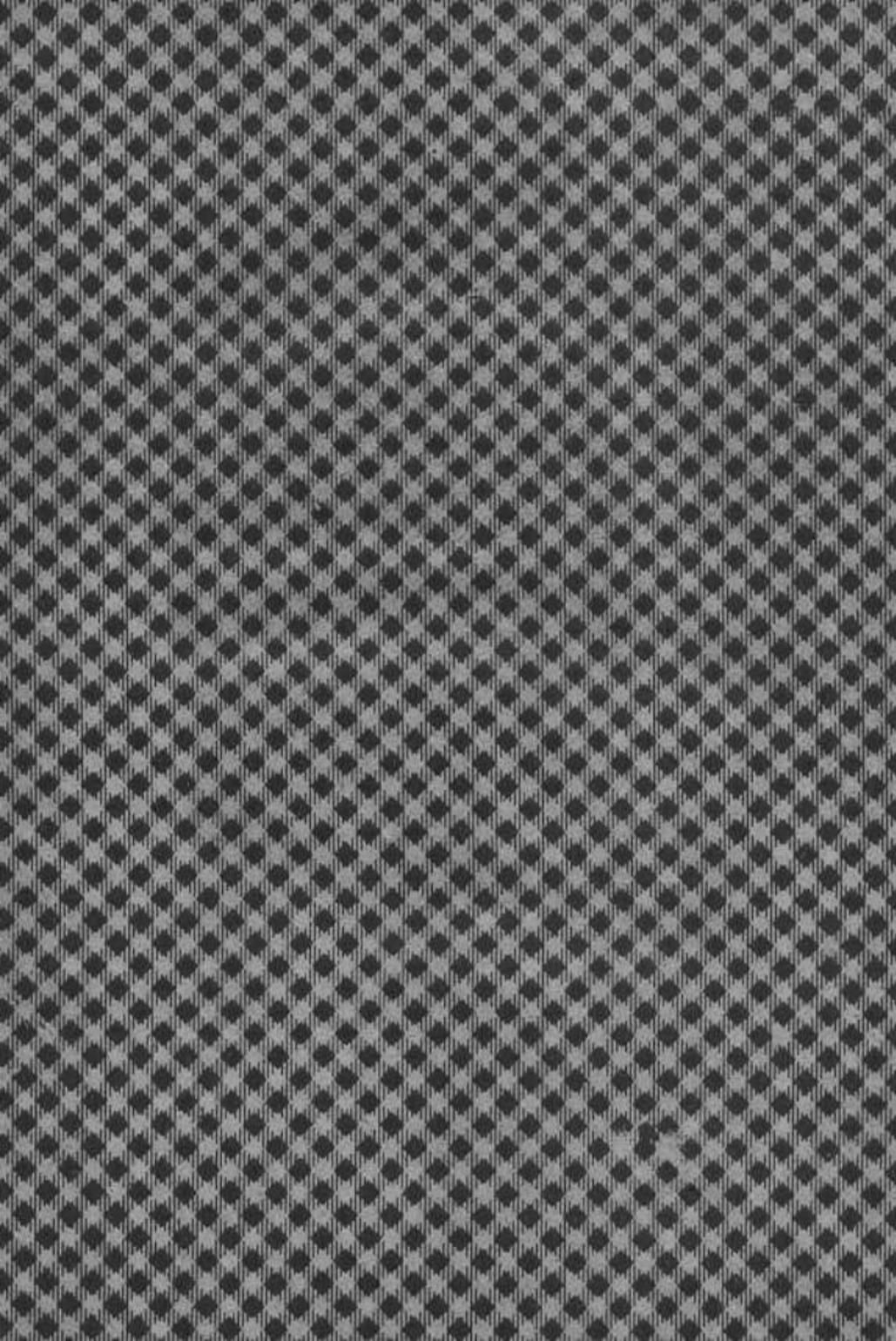
Ao publico lembramos usar toda a benevolencia para com os artistas emquanto trabalham, animando-os mesmo durante o trasteio, findo porém que seja o seu trabalho e uma vez recolhido o touro então, será essa a occasião propria para os desabafos e reprovações.

A intervenção por parte do publico na direcção do espectáculo, pedindo esta ou aquella sorte, ou mesmo as manifestações da preferencia de um artista a outro, origina além de confusão, emulações que podem occasionar consequencias funestas.

Se evidentemente o intelligente der ordens erroneas, será á authoridade e ao empresario ou empresarios a quem o publico deverá dirigir as suas reclamações, isto evitando allusões offensivas e doestos pessoaes.

FIM





MARQUES DE SAN JUAN DE PIEDRAS ALBAS

BIBLIOTECA

Pesetas

Número. 335

Precio de la obra.....

Estante . 1

Precio de adquisición..

Tabla... 7

Valoración actual.....

Número de tomos.

